

Competitividade das regiões brasileiras

Novas fronteiras agrícolas

Alexandre Machado Lobo¹

A PRODUÇÃO de soja no Brasil vem exibindo crescimento elevado, com maior destaque após o início década de 1990. Esse crescimento conduziu o Brasil ao grupo dos maiores produtores e exportadores de soja do mundo. A forte expansão da produção ocorreu fundamentalmente com base em aumento da área plantada, tanto nas regiões tradicionais como nas “fronteiras agrícolas” do Cerrado brasileiro.

No entanto, deve-se ressaltar que a última grande expansão de área plantada de soja no Brasil ocorreu entre as safras de 2000/01 e 2004/05, período em que foram abertos mais de 9,3 milhões de hectares. De lá para cá, a área plantada recuou do recorde de 23,3 milhões de hectares (2004/05) para 21,7 milhões de hectares (estimativa para a safra 2008/09).

Há um consenso mundial de que o Brasil é o produtor mundial com maiores vantagens competitivas para atender ao crescimento previsto para a demanda de alimentos e, mais especificamente, de grãos. É certo também que a retomada do crescimento da área plantada será fator primordial para que possamos aumentar a produção.

Mas será a possibilidade de crescimento da área plantada a única fonte de vantagem competitiva da produção de soja para exportação no Brasil? Para responder a essa pergunta este artigo se propõe a analisar, de forma qualitativa, os principais fundamentos que influenciam a competitividade das regiões na produção e exportação de soja.

Perfil regional da produção

Cerca de 97% da produção brasileira de soja concentram-se em 35 regiões². As re-

giões do Grupo A (ver tabela) tiveram no período 1997-2007 crescimento da produção de soja acima da média nacional e estão entre as maiores regiões produtoras. Todas as regiões desse grupo localizam-se no Cerrado brasileiro, e devem se manter nos próximos anos na liderança da produção de soja.

O Grupo B é composto por regiões de grande produção, mas com crescimento inferior à média nacional. Essas regiões têm a produção consolidada, já estando próximas do limite de aproveitamento de área para o plantio de soja. Todas localizam-se na Região Sul, exceto o sudeste mato-grossense, região polarizada pelo município de Primavera do Leste.

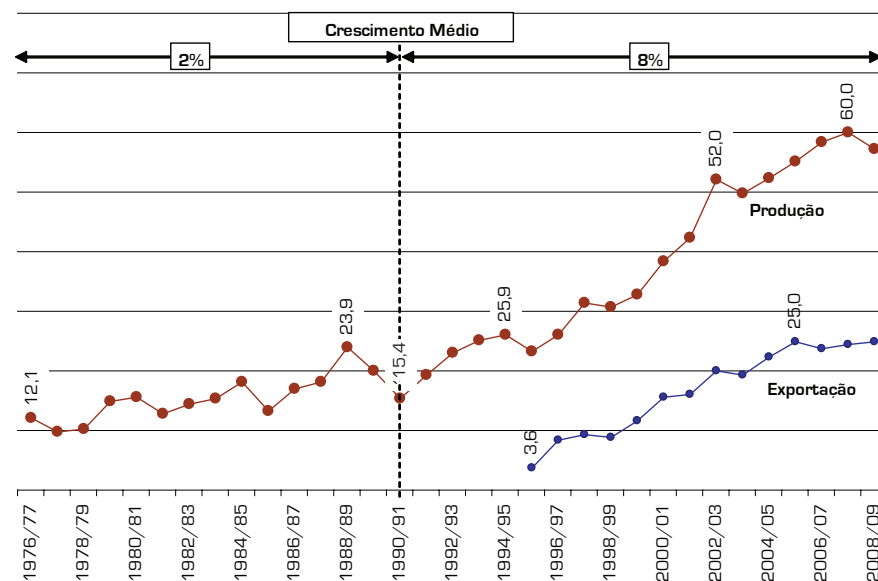
No Grupo C estão as regiões com produção e crescimento abaixo das médias nacionais, o que indica, por diversos motivos, uma posição de saturação na sojicultura. São regiões do Sul do país, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Esse grupo não deverá apresentar dinamismo na produção e exportação de soja no médio prazo.

As regiões do Grupo D têm produção de soja ainda relativamente pequena, mas com crescimento bem acima da média nacional. De um lado estão as que se posicionam como polos dinâmicos da sojicultura (novas fronteiras agrícolas) e, de outro, as com crescimento futuro comprometido por disponibilidade de área e restrições agroclimáticas.

Indicadores de vantagens competitivas

As vantagens competitivas serão agrupadas em um binômio capacidade-rentabilidade. A capacidade refere-se a condicionantes do crescimento da produção, como disponibilidade de área, aptidão agrícola e capacidade logística. A rentabilidade, à renda bruta relativa ao custo da terra.

Evolução da produção e exportação de soja no Brasil (milhões de toneladas)



Fonte: Conab/Secex

A classificação relacionada à disponibilidade de área levou em conta a oferta de terras agricultáveis e a concorrência com outras culturas; para a aptidão agrícola, a produtividade média nas regiões. Com relação à capacidade logística considerou-se a disponibilidade de transporte ferroviário e a distância em relação aos principais portos.

Para o indicador de rentabilidade foi feito o levantamento, em algumas das principais regiões, da renda gerada em cada ciclo relativamente ao custo da terra. Os preços regionais da soja foram obtidos em levantamento da Campo³, em praças representativas das regiões analisadas⁴ (Sacas/ha). Nas planilhas da Conab foram obtidos os custos da terra⁵.

Renda Anual sobre Custo da Terra	=	$\frac{\text{Renda Bruta Anual}}{\text{Custo da Terra / ha}}$
---	---	---

Como pano de fundo deve-se ter em mente duas grandes forças que orientam o deslocamento da produção de grãos no Brasil: de um lado, as pressões ambientais que tendem a afastar a soja do bioma amazônico; de outro, o crescimento da cana-de-açúcar no Centro-Sul (regiões de Mato Grosso do Sul, Goiás e do Triângulo Mineiro).

Avaliação qualitativa das regiões

O resultado da avaliação qualitativa das vantagens competitivas na produção de soja voltada para a exportação é mostrado no mapa.

Quanto à disponibilidade de área, perderam pontos as regiões do Grupo B e Rio Verde, onde há acirramento na disputa com a cultura de cana-de-açúcar. Quanto à produtividade, a situação na safra atual indica melhor cenário para as regiões dos Grupos A e B. Já para a capacidade de escoamento, destaque para as novas fronteiras agrícolas.

As perspectivas para as novas fronteiras, em termos de capacidade de escoamento, são promissoras. Destaca-se a aquisição pela Vale da subconcessão da Ferrovia Norte-Sul, em 2007, cuja linha ferroviária operada se estenderá até Palmas (TO), to-

Regiões produtoras de soja no Brasil

Grupo		Pólos
A	1 Norte Mato-grossense - MT	Sorriso, Sapezal
	2 Sul Goiano - GO	Jataí, Rio Verde
	5 Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	Maracaju, Dourados
	7 Extremo Oeste Baiano - BA	São Desidério, Barreiras
	9 Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	Uberaba, Uberlândia
	10 Nordeste Mato-grossense - MT	Querência, Canarana
B	3 Noroeste Rio-grandense - RS	Passo Fundo
	4 Sudeste Mato-grossense - MT	Primavera do Leste
	6 Oeste Paranaense - PR	Cascavel, Toledo
	8 Norte Central Paranaense - PR	Londrina
	11 Centro Ocidental Paranaense - PR	Campo Mourão
	12 Centro Oriental Paranaense - PR	Ponta Grossa
C	13 Centro-Sul Paranaense - PR	Guarapuava
	15 Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	São Gabriel do Oeste
	17 Norte Pioneiro Paranaense - PR	Cornélio Procopio
	20 Sudoeste Paranaense - PR	Pato Branco
	21 Leste de Mato Grosso do Sul - MS	Chapadão do Sul
	23 Ribeirão Preto - SP	Ribeirão Preto
D	26 Oeste Catarinense - SC	Chapecó
	27 Assis - SP	Assis
	35 Centro Oriental Rio-grandense - RS	Cachoeira do Sul
	14 Sul Maranhense - MA	Balsas
	16 Centro Ocidental Rio-grandense - RS	Santa Maria
	18 Noroeste de Minas - MG	Unai
	19 Leste Goiano - GO	Cristalina
	22 Sudoeste Piauiense - PI	Uruçuí
	24 Leste do Tocantins - TO	Campos Lindos
	25 Noroeste Paranaense - PR	Paranavaí
	28 Sudoeste Rio-grandense - RS	São Gabriel
	29 Sudeste Paranaense - PR	Irati
	30 Nordeste Rio-grandense - RS	Vacaria
	31 Ocidental do Tocantins - TO	Guaraí
	32 Norte Catarinense - SC	Mafra
	33 Leste Rondoniense - RO	Vilhena
	34 Sudoeste Mato-grossense - MT	Tangará da Serra

Fonte: Embrapa Cerrados, WWF, Conab, IBGE

talizando 720 km, com construção a cargo da Valec – Engenharia, Construções e Ferrovias S/A.

A extensão da Ferrovia Norte-Sul irá se somar ao trecho que a Vale já opera desde o início da década de 90, de 200 km, en-

tre Açailândia (MA) e Porto Franco (TO), também construídos pela Valec, oferecendo sinergia com a Estrada de Ferro Carajás (EFC) e com o Terminal Marítimo de Ponta da Madeira e Porto de Itaqui (Berço 105), em São Luís (MA).

No noroeste de Minas⁶, os exportadores que embarcaram a soja no Terminal Intermodal de Pirapora (TIP), inaugurado em abril de 2009, terão acesso a um corredor de grande capacidade até Vitória (ES), onde localiza-se o Terminal de Produtos Diversos (TPD), operado pela Vale no Porto de Tubarão.

Em levantamento realizado pela Campo, a região noroeste de Minas ocupa, com atividades agrícolas, apenas 15% da área apta disponível, de 2,5 milhões de hectares. O mesmo levantamento indicou que a região tem potencial de produzir até 6 milhões de toneladas de soja.

No indicador de rentabilidade atual, foram exatamente essas regiões que apresentaram os melhores resultados, expressando a alta atratividade da sojicultura

(capacidade-rentabilidade). No noroeste de Minas, por exemplo, a região de Buritizeiro, que produz ainda pequenas quantidades, já sofre impacto positivo, com aumento de 40% na produção.

Conclusões

Este artigo procurou analisar, de forma qualitativa, os principais fundamentos que influenciam a competitividade das regiões na produção e exportação de soja, trabalhando o binômio capacidade-rentabilidade e avaliando o perfil regional atual da sojicultura brasileira.

Conforme o mapa, nas regiões líderes, todas com nível considerável de restrições logísticas (acesso a transporte ferroviário e distância dos principais portos), o espaço para aumento da rentabilidade é limitado, e o ganho de área deverá

fundamentar a expansão da produção a médio prazo.

De outro lado, a perspectiva de implantação de novos corredores logísticos em algumas das mais importantes novas fronteiras agrícolas (MA, TO, PI e Noroeste de Minas) cria um ambiente propício para o aumento da atratividade dessas regiões, que já é elevada, no que se refere à produção de soja para exportação. ■

1 Engenheiro agrônomo da Campo Consultoria e Agronegócios Ltda.

2 Mesorregiões no conceito do IBGE.

3 Posição em maio de 2009.

4 Para expurgar o efeito da produtividade, consideramos a média brasileira (47 sacas/hectare).

5 Considera 3% sobre o preço real médio histórico de venda.

6 Polarizada pelos municípios de João Pinheiro, Paracatu, Unai, Buritis, Formoso e Pirapora.

Avaliação qualitativa de vantagens competitivas em regiões selecionadas

Competitividade das regiões

- Alta
- Média
- Baixa

		Pólos	Capacidade			Rentabilidade	Geral
			(1)	(2)	(3)		
A	1	Sorriso	●	●	●	●	●
	2	Rio Verde	●	●	●	●	●
	7	Barreiras	●	●	●	●	●
	10	Querência	●	●	●	●	●
B	3	Passo Fundo	●	●	●	●	●
	4	Primavera do Leste	●	●	●	●	●
	8	Londrina	●	●	●	●	●
	11	Campo Mourão	●	●	●	●	●
D	14	Balsas	●	●	●	●	●
	18	Unai	●	●	●	●	●
	22	Uruçuí	●	●	●	●	●
	24	Campos Lindos	●	●	●	●	●

(1) Disponibilidade de Área

(2) Produtividade

(3) Capacidade de Escoamento (Logística)

Fontes: Embrapa Cerrados, WWF, Conab e IBGE

